

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

REBECA ÁDNA CAMPOS SILVA

**DESAFIOS NO ÂMBITO FAMILIAR DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

REBECA ÁDNA CAMPOS SILVA

**DESAFIOS NO ÂMBITO FAMILIAR DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Maria Sáwilla Moura Lima

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

REBECA ÁDNA CAMPOS SILVA

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 06/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Maria Sáwilla Moura Lima

Membro: Esp. Nadyelle Diniz Gino

Membro: Esp. Tereza Ilayne Alenquer Dias

DESAFIOS NO ÂMBITO FAMILIAR DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Rebeca Àdna Campos Silva¹
Maria Sáwilla M. Lima²

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista é denominado como um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação e a interação social do indivíduo. Esse estudo objetiva explorar a relevância do suporte da psicologia indicando os principais desafios cotidianos que as famílias de crianças diagnosticadas com TEA possuem, as estratégias no âmbito familiar. A pesquisa elaborada pela revisão bibliográfica descritiva, artigos publicados nos de 2015 a 2024, utilizando as seguintes bases de dados Scientific Electronic Library Online - Scielo, Google Acadêmico e Periódicos CAPES. Os artigos revisados apontaram que as intervenções psicoeducativas podem esclarecer dúvidas, fornecer recursos e indicar terapias complementares que beneficiam a criança, enquanto orienta a família sobre a importância do autocuidado. Diante do exposto, conclui-se que o espectro autista abrange uma ampla gama de manifestações necessitando de suporte intensivo e outros conseguindo levar uma vida relativamente independente e acompanhamento psicológico pode facilitar esse processo atuando como mediador nas dificuldades de relacionamento que podem surgir entre os membros da família e oferecer meios para que todos possam se adaptar aos novos papéis de responsabilidades.

Palavras-chave: Infantil; TEA/Transtorno do Espectro Autista; Dinâmica Familiar; Desafios.

FAMILY CHALLENGES OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

Rebeca Àdna Campos Silva¹
Maria Sáwilla M. Lima²

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder is a neurodevelopmental disorder that affects an individual's communication and social interaction. This study aims to explore the relevance of psychological support by indicating the main daily challenges that families of children diagnosed with ASD have, and strategies within the family. The research was prepared through a descriptive bibliographic review of articles published from 2015 to 2024, using the following databases: Scientific Electronic Library Online - Scielo, Google Scholar and CAPES Periodicals. The reviewed articles indicated that psychoeducational interventions can clarify doubts, provide resources and indicate complementary therapies that benefit the child, while guiding the family on the importance of self-care. Given the above, it is concluded that the autistic spectrum encompasses a wide range of manifestations requiring intensive support and others being able to lead a relatively independent life and psychological monitoring can facilitate this process by acting as a mediator in the relationship difficulties that may arise between family members and offering means for everyone to adapt to new roles and responsibilities.

Keywords: Children's; ASD/Autism Spectrum Disorder; Family Dynamics; Challenges.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: rebeaadna111@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: mariasawilla@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

TEA é a abreviação de Transtorno do Espectro Autista, denominada como um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação e a interação social do indivíduo. É considerado um "espectro" porque engloba uma ampla gama de sintomas, níveis de suporte e características individuais. As pessoas com TEA podem apresentar uma variedade de sintomas, que podem incluir dificuldades em compreender, expressar emoções, interesses e padrões de comportamento restritos, e sensibilidades sensoriais (Torres, 2022).

A versão mais atual do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR), aponta que, para ser diagnosticado com TEA, o sujeito deve apresentar déficits persistentes na comunicação social e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Também é preciso que os sintomas estejam presentes precocemente no período do desenvolvimento, e que causem prejuízo clinicamente relevante no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida cotidiana do indivíduo, além de as perturbações não serem mais bem explicadas por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou por atraso global do desenvolvimento (*American Psychiatric Association, 2023*).

Uma característica importante do TEA é que se manifesta nos primeiros anos de vida do bebê, sendo de suma relevância identificá-lo precocemente de modo a iniciar intervenções que possam reduzir a necessidade de apoio ao longo da vida. Ademais, durante os primeiros três anos de vida, quando o cérebro é mais maleável, é possível trabalhar com mais facilidade com os comportamentos-alvo visando promover o desenvolvimento infantil de qualidade (Almeida, 2021).

Assim, entre os sinais e sintomas que podem ser identificados precocemente na vida do bebê pode-se citar, principalmente entre os 12 e 24 meses de vida, alterações relacionadas à comunicação social, à linguagem e a comportamentos repetitivos, sendo que essas características podem ser notadas pelos cuidadores a partir do primeiro ano de vida, manifestando-se, por exemplo, na dificuldade de estabelecer interações, na ausência ou prejuízo de habilidades como reciprocidade social e emocional, no contato visual, no uso de gestos, nas expressões faciais e na entonação da verbalização/vocalização, presença de estereotípias verbais e motoras, como a repetições de sons e palavras, trazendo considerável prejuízo ao desenvolvimento (Doubrawa; Menezes, 2023).

Posto isso, a representação do assunto é fundamental para o reconhecimento dessa situação e para a promoção das ações já em andamento, permitindo que essas pessoas possam

se desenvolver com melhor qualidade e com isso, a Organização das Nações Unidas (ONU) em 2008, instituiu o dia 2 de abril, como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo e em 2012 foi sancionada a Lei (12.764/2012), que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo, incluindo o autismo, em termos jurídicos, no campo das deficiências, tornando-se um avanço para os pais atípicos (Ribeiro, 2023).

A família pode ser entendida como o primeiro grupo psicossocial na qual a criança faz parte. A dinâmica familiar relaciona-se com a forma de funcionamento em que a família apresenta, como os seus membros se relacionam, bem como o papel assumido por cada um em que a tal dinâmica pode ser alterada com base nas circunstâncias como, por exemplo, um diagnóstico recebido por um de seus membros, o que deve ser fornecido alguma base para o seu desenvolvimento em termos físicos, psicológicos e sociais (Correia, 2023).

Entende-se que a família tem papel importante no alcance de bons resultados no tratamento desses sujeitos, e também a essencialidade de que esta esteja em condições adequadas de exercer esse cuidado da melhor forma possível. Além disso, destacar esses desafios pode contribuir para aumentar a conscientização pública sobre as necessidades únicas das famílias com crianças com TEA, promovendo uma maior empatia e compreensão na sociedade em geral (Ferreira, 2023).

O impacto do diagnóstico gera uma sobrecarga emocional e física. Além disso, cada membro da família exerce um papel no sistema familiar, com essa mudança, todos terão que se adaptar e confrontar a realidade (Passos, 2022).

Nos dias atuais é muito falado sobre o tema, contudo, requer um conhecimento mais específico que esclareça sobre o conceito, as características e dificuldades encontradas pelos familiares. Assim, permite uma compreensão ampliada, tanto para os profissionais da saúde, como também para a comunidade educacional, principalmente, para a família, esclarecendo que exige o interesse maior, para que a sociedade se permita a decisões rápidas e que seja tratado precocemente e inseridos na prática inclusiva (Passos, 2022).

Dessa forma, a pesquisa pode colaborar para identificar as estratégias que tal família já tem empregado, bem como aquilo que têm funcionado e o que ainda necessita de avanços. Frente a isso, esta pesquisa tem como objetivo explorar os principais desafios cotidianos que as famílias de crianças diagnosticadas com TEA vivenciam em decorrência desse diagnóstico. Tendo em vista, a pergunta central que guiará este estudo é: Quais são os principais desafios cotidianos, em termos de impactos sociais e dinâmica familiar, enfrentados pela família de crianças autistas? Cabe pontuar que interesse pelo estudo desta temática decorreu,

principalmente, de vivências anteriores em estágios durante o curso de graduação em psicologia.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a elaboração deste trabalho foi a pesquisa de revisão bibliográfica descritiva, sobre os desafios enfrentados pela família na adaptação da rotina de crianças com Transtorno do Espectro Autista. De acordo com Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

A escolha pela pesquisa de revisão bibliográfica descritiva se justifica pela necessidade de compreender amplamente os impactos sociais enfrentados pelas famílias nesse contexto, bem como pelas limitações de tempo e recursos disponíveis para a realização de uma pesquisa primária mais extensa. Além disso, permite aproveitar o conhecimento acumulado e as evidências disponíveis na literatura para informar e embasar as discussões e considerações que serão apresentadas neste estudo.

Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica realiza-se pelo:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

Destarte, o foco desse trabalho foi trilhado com base nessa fundamentação e foram coletados em artigos publicados entre os anos de 2015 a 2024, utilizando as seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online - Scielo, Google Acadêmico e Periódicos CAPES, com as seguintes palavras-chave: “Infantil”, “TEA” /Transtorno do Espectro Autista” e “Dinâmica Familiar”. Foram selecionados estudos escritos em português e publicados nos últimos 10 anos, gratuitos e completos. Foram excluídos materiais que não abordavam diretamente a temática de interesse, assim como artigos que não haviam sido publicados em revista científica.

Após a identificação dos estudos pertinentes, foi realizado uma análise detalhada do

conteúdo desses materiais, buscando identificar padrões e tendências relevantes relacionados aos desafios cotidianos enfrentados pelas famílias de crianças com TEA, assim como os impactos sociais vivenciados e as estratégias adotadas para mitigá-los. Os resultados dessa análise serão descritos de forma clara e objetiva, fornecendo uma visão abrangente do estado atual das discussões sobre o tema.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por um psiquiatra Suíço chamado Eugen Bleuler, que buscava em seus estudos descrever características da esquizofrenia (Viana, 2020).

No entanto, o diagnóstico do autismo somente foi proposto pela primeira vez em 1943, em uma publicação de Leo Kanner, um médico da Universidade Johns Hopkins e um dos primeiros psiquiatras infantis. Kanner apresentou estudos de caso de crianças que exibiam sintomas semelhantes, principalmente uma necessidade de estar sozinhas em um mundo imutável. O psiquiatra, a princípio, ligava o autismo a causas estritamente biológicas e genéticas, mas começou a despender maior atenção aos seus aspectos determinantes psicológicos, sobretudo os relacionados ao distanciamento, física e emocional, estabelecida com os pais (Cunha, 2020; Viana, 2020).

Desde então, muitos pesquisadores tentaram compreender o autismo, que por anos permaneceu um tema indefinido. Tais tentativas culminaram na inclusão do autismo no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) American Psychiatric Association e as pesquisas mostram que 45% a 95% dos que se encontram dentro do espectro apresentam déficits no processamento sensorial (Reis, 2022).

A prevalência do TEA, atualmente, é estimada em cerca de 1 a 2% das crianças mundialmente, tendo sido observado, ao longo das décadas, um aumento de sua prevalência desde o primeiro estudo epidemiológico em 1943 (Oliveira; Schimidt; Coelho, 2024).

Com diferentes níveis de necessidade de suporte as principais características do autismo, podem ser observadas ainda quando o sujeito é um bebê, são os elevados déficits no comportamento social, evitação de contato visual, baixa correspondência à voz e ao afeto de outras pessoas, pouca ou nenhuma expressividade facial, interrupção e restrições da fala, pouco interesse em jogos e brincadeiras, principalmente grupais, ações físicas e comportamentais

repetitivas e estereotipadas, experiências sensoriais não usuais e interesses restritos por objetos ou assuntos específicos (Rodrigues, 2023).

Também pode ocorrer interesse exacerbado por estímulos específicos, como luzes, sons, movimentos, sabores, odores e texturas táteis, frequentemente manifestado por meio de respostas atípicas de hipersensibilidade ou hipossensibilidade a esses estímulos sensoriais. É comum que essas crianças experimentem incômodos intensos quando tem que sair de suas rígidas rotinas, o que pode resultar em crises e rompantes violentos de raiva. O diagnóstico é realizado por meio de avaliação e observação clínica, baseando-se nos critérios diagnósticos estabelecidos no DSM-V (Souza, 2022).

Estes critérios incluem dificuldades quanto as habilidades sociais, como baixa reciprocidade socioemocional, problemas para estabelecer conversas, baixo compartilhamento de interesses e afetos. Também devem estar presentes pelo menos dois dos seguintes padrões restritos e repetitivos de comportamento: movimentos motores ou fala repetitiva e estereotipada; insistência em manter rotinas diárias de forma rígida; interesses intensos e restritos em determinados tópicos; e hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais (Costa, 2023).

Para o diagnóstico, é necessário que os sintomas tenham se manifestado precocemente no desenvolvimento, causando prejuízos significativos em uma ou mais áreas relevantes da vida do indivíduo, além de não serem mais bem explicados por uma deficiência intelectual ou por um atraso global do desenvolvimento. O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) exerce um impacto considerável sobre as famílias, geralmente sendo um processo marcado por inúmeras dificuldades. Aceitar o diagnóstico e implementar as adaptações necessárias para cuidar da criança pode ser extremamente desgastante para os familiares, tanto do ponto de vista físico quanto psíquico (Silva, 2022).

2.2.2 IMPACTOS DOS DESAFIOS FAMILIARES FRENTE AO DIAGNÓSTICO DO TEA

Os pais não esperam que o filho possua algum transtorno, pois idealizam a sua existência antes mesmo dele nascer, sendo desafiador e doloroso aceitar um diagnóstico ou as especificidades do filho que por muito tempo fora fantasiado e idealizado pela família. Diante disso, a família é perpassada por um conjunto de sensações e sentimentos diversos, a exemplo da frustração, insegurança, culpa, luto, medo e desesperança (Souza, 2023).

Nesse mesmo sentido, Duarte (2019) visou identificar as reações e dificuldades enfrentadas pelos pais diante do diagnóstico de autismo do filho, localizou dois principais

conjuntos de motivos que dificultam a aceitação do diagnóstico e das especificidades da criança com TEA pela família: aspectos de ordem social e aspectos pessoais.

Em relação as motivações sociais, destacam-se a falta de informações sobre o transtorno, como em relação aos sintomas e seu manejo, o que culmina em impactos que desestabilizam e geram dúvidas no sistema familiar frente as demandas apresentadas pela criança com TEA. A falta de acompanhamento, orientação e apoio a família também é apontado como um problema que possui efeitos negativos na adaptação e aceitação, assim como o preconceito existente na sociedade e o medo do futuro (Duarte, 2019).

Dessa forma, no que diz respeito aos aspectos pessoais, além da mencionada frustração com as expectativas e fantasias relacionadas ao filho, também há a pressão física e emocional que surge a partir dos passos seguintes ao diagnóstico. Isso inclui as mudanças na rotina e os tratamentos, que fazem com que a família acabe negligenciando ou não tenha tempo para atender às suas próprias necessidades, desestruturando assim o sistema familiar como um todo (Duarte, 2019).

A aceitação é crucial para o desenvolvimento emocional e social da criança diagnosticada. Quando a família acolhe o diagnóstico e se empenha em entender as necessidades da criança, ela estabelece um ambiente de apoio e segurança, o que contribui para o bem-estar e o avanço no tratamento. Por outro lado, a negação do diagnóstico pode gerar barreiras ao desenvolvimento da criança, comprometendo o acesso as oportunidades de inclusão (Neves, 2024).

Observa-se, também, contextos familiares em que a vivência intensiva materna se apresenta, pois sobre as mães recaem maiores obstáculos e cobranças, como a pressão pelo abandono de suas carreiras profissionais para se dedicar aos cuidados do filho autista. A mãe frequentemente assume o papel de principal cuidadora, o que a torna mais suscetível a desenvolver altos níveis de estresse. Muitas vezes, inclusive, a mãe é a única a ocupar o núcleo familiar, gerenciando a família sozinha, o que acarreta maior sobrecarga, ou ainda quando o pai se ausenta da divisão das tarefas, justificando sua ausência pela necessidade de prover o sustento da família (Correia; Alves; Ferreira, 2023; Maia Filho *et al.*, 2016; Pinto *et al.*, 2016).

A sobrecarga emocional pode ser prejudicial tanto para o indivíduo quanto para a dinâmica familiar como um todo. Assim, é fundamental que a família receba orientações adequadas e também procurem adquirir informações desde o diagnóstico, para que possam desempenhar seu papel de suporte com as ferramentas necessárias para atingir seu pleno potencial, que inclui terapias comportamentais, ocupacionais e, em alguns casos, medicamentos para tratar sintomas específicos (Gaspar, 2024).

Por isso, a importância de políticas públicas voltadas também para o apoio e orientação da família, pois o diagnóstico de autismo em uma criança gera um impacto significativo em sua dinâmica, levando a uma reestruturação para atender às necessidades específicas do filho. A falta de apoio e orientação adequados pode levar ao isolamento social da família e ao desenvolvimento de quadros de estresse e ansiedade nos pais, comprometendo, assim, a qualidade de vida de todos os membros. Políticas públicas que ofereçam suporte psicológico, informações sobre o TEA, cabendo as esferas governamentais alocarem recursos financeiros suficientes auxiliar as famílias a superar esses desafios, fortalecendo a sua rede de apoio (Maia Filho *et al.*, 2016; Silva, 2022).

2.2.3 A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE DA PSICOLOGIA ÀS FAMÍLIAS ATÍPICAS

O suporte da psicologia inclui famílias com diferentes configurações, como estruturas monoparentais – nas quais predomina a vivência intensiva materna –, casais do mesmo sexo ou aquelas com necessidades específicas. Esses contextos enfrentam desafios que demandam uma abordagem sensível e especializada. Nesse processo, favorece-se um espaço seguro para que essas dinâmicas familiares possam ser discutidas, ajudando os membros a expressarem suas emoções e preocupações de maneira construtiva, o que resulta em benefícios tanto para as crianças com TEA quanto para os demais familiares, ampliando o suporte e promovendo um ambiente mais positivo quanto a capacidade de lidar com os desafios (Freitas, 2023).

A terapia familiar, de um modo geral, também pode ser utilizada como uma ferramenta eficaz nesse contexto, pois permite que os profissionais abordem questões relacionadas à comunicação, conflitos e relações interpessoais. Ao trabalhar com essas famílias, os psicólogos podem contribuir através da escuta, acolhimento e técnicas de resolução de conflitos para que a família identifique padrões de comportamento e promovam mudanças que favoreçam a convivência saudável. Esse processo é fundamental para fortalecer os laços familiares e criar um ambiente acolhedor, onde todos se sintam valorizados e compreendidos (Sakai, 2024).

Além dos desafios internos, as famílias atípicas frequentemente enfrentam preconceitos e estigmas sociais, esses fatores podem impactar a autoestima e a saúde mental dos indivíduos. O papel do psicólogo, nesse caso, é fundamental não apenas para oferecer apoio emocional a partir da escuta e acolhimento, mas também para equipar as famílias como uma das principais ferramentas acolhedora, a lidar com a discriminação e a promover a aceitação, seja através da terapia individual ou familiar, trabalhando a resiliência e a importância do autocuidado, uma vez que a resiliência, nesse cenário, se torna uma habilidade crucial para enfrentar as adversidades e construir uma vida familiar mais satisfatória (Silva, 2024).

O psicólogo também pode trazer contribuições à família em um sentido orientativo no que tange o desenvolvimento infantil de crianças com TEA a partir de intervenções que auxiliem os pais a lidar com as dificuldades e da criança. O acolhimento psicológico familiar permite aos pais elaborarem o luto em relação ao diagnóstico, compreenderem melhor as características do TEA e a lidar com as mudanças na dinâmica familiar, reduzindo os níveis de estresse e ansiedade. A orientação sobre o uso de métodos como o TEACCH, por exemplo, que se baseia na estruturação do ambiente e das atividades, pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia e independência da criança, além de facilitar a comunicação e interação social, aspectos comumente afetados pelo TEA (Maia Filho *et al.*, 2016; Marques *et al.*, 2021).

Por fim, o apoio psicológico também pode se estender à educação e sensibilização da sociedade em relação à diversidade familiar, através de programas educativos e comunitários, busca promover um ambiente de respeito e inclusão. Assim, a psicologia não só assiste as famílias atípicas em suas experiências cotidianas, mas também contribui para uma transformação social que valoriza todas as formas de organização familiar (Souza,2023).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que o espectro autista abrange uma ampla gama de manifestações necessitando de suporte intensivo e outros conseguindo levar uma vida relativamente independente. Embora estudos, como a de Viana (2020), apontem para uma combinação de fatores genéticos e ambientais que podem influenciar seu surgimento. A importância da psicologia no apoio às famílias atípicas, especialmente aquelas que convivem com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental para promover o bem-estar emocional e a resiliência familiar.

O autismo pode ter vários impactos na família como a falta de apoio, mudança na rotina, dificuldade em socializar com os irmãos, dificuldades psicológicas e comportamentais, fatores estressores pela falta de acesso aos tratamentos, ou seja, impactos na dinâmica familiar, emocionais, financeiro e sociais que mesmo sendo grandes desafios muitas famílias relatam que o convívio também traz aprendizados significativos no desenvolvimento de uma perspectiva mais inclusiva e valorização de pequenas conquistas. A chave para lidar com os impactos está no equilíbrio entre o cuidar do membro autista e manter o bem-estar de toda a família, o que pode ser aprimorado quando a família pode contar com uma rede de apoio.

A psicologia proporciona assistência para enfrentar as expectativas modificadas, o estresse cotidiano e as incertezas que um diagnóstico pode ocasionar. Essa ajuda é fundamental

para que a família assimile a nova realidade de maneira saudável e adaptativa. A criação de uma criança com TEA exige ajustes na dinâmica familiar, e o acompanhamento psicológico pode facilitar esse processo atuando como mediador nas dificuldades de relacionamento que podem surgir entre os membros da família e oferecer meios para que todos possam se adaptar aos novos papéis de responsabilidades.

Outro aspecto crucial do trabalho psicológico com famílias atípicas é a orientação sobre o desenvolvimento infantil e as particularidades do transtorno que afeta a criança, é perceptível que os pais enfrentam um grande desconhecimento sobre o TEA, é assim que a psicologia, por meio de intervenções psicoeducativas, pode esclarecer dúvidas, fornecer recursos e indicar terapias complementares que beneficiam a criança, enquanto orienta a família sobre a importância do autocuidado, para que possam cuidar do outro sem se sobrecarregar.

Por fim, o acompanhamento psicológico ajuda a fortalecer os vínculos familiares e a construir uma rede de apoio, lembrando que o suporte psicológico pode empoderar os pais a buscar a criar suas próprias redes de apoio, em conjunto com os multiprofissionais, que também o fortalecimento social é essencial para que as famílias se sintam acolhidas e mais preparadas para enfrentar os desafios contínuos, sem abrir mão do seu próprio bem-estar.

REFERÊNCIAS

DE ALMEIDA, Flávio Aparecido. Autismo. **Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais**, v. 20, n. 1, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR** [recurso eletrônico]. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

CASTELHANO, Marcos Vitor Costa. Os possíveis papéis do psicólogo clínico diante do diagnóstico diferencial do tea: uma perspectiva teórico-prática. **Revista Coopex.**, v. 14, n. 2, p. 1616-1627, 2023.

CÂMARA, Maria Geoneide Carlos. Transtorno Do Espectro Do Autismo–Tea: Inclusão E Desenvolvimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, 2024.

CORREIA, D. S. S; ALVES, M. F. V.; FERREIRA, G. C. S. Processo Diagnóstico do Autismo e Impacto na Dinâmica Familiar: Uma Revisão Bibliográfica. **Epitaya E-books**, [S.l.], v. 1, n. 34, p. 73-85, 2023. DOI: 10.47879/ed.ep.2023755p73. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/736>. Acesso em: 8 abr. 2024.

DE SOUSA, Brenda Medeiros. OS IMPACTOS DO DIAGNÓSTICO TARDIO NO TEA–TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: revisão narrativa de literatura. **REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS-UNIVERSO–GOIÂNIA**, v. 1, n. 11, 2023.

das Neves, T. H. C., & Gaspar, F. M. (2024). ASPECTOS DA ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Repositório Institucional do UNILUS*, 3(1).

DOUBRAWA, D.; DE MENEZES, K. A. S. Importância do diagnóstico precoce do autismo: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 9, n. 6, p. 19884–19892, 2023.

DUARTE, A. E. O. Aceitação dos pais para o transtorno do espectro autista do filho. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 53-63, 2019.

GRANDIN, T.; PANEK, R. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

MACEDO, R. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 62–68, 1994. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/877>. Acesso em: 8 abr. 2024.

MAIA FILHO, A. L. M. et al. A importância da família no cuidado da criança autista. **Revista Saúde em Foco**, Teresina, v. 3, n. 1, p. 66-83, jan./jun. 2016.

MARQUES, V. G. et al. Transtorno do espectro autista: o impacto na dinâmica familiar e as habilidades no cuidado. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 2021.

OLIVEIRA, G. T. Q.; SCHMIDT, L. M.; COELHO, E. C. V. Análise da prevalência do Transtorno do Espectro Autista em crianças nos últimos 10 anos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 6, p. e15551, 20 jun. 2024.

PASSOS, Beatriz Carneiro; KISHIMOTO, Mariana Sayuri Cabral. O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, p. 5827-5832, 2022.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, p. e61572, 2016.

REIS, Tereza Sabina Souza et al. INTEGRAÇÃO SENSORIAL EM INTERFACE COM PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE AÇAILÂNDIA-MA. 2022.

RIBEIRO, Alyssa de Sousa et al. A legislação brasileira na eficácia da salvaguarda das pessoas com transtorno do espectro autista: a garantia do direito fundamental à saúde. 2023.

ROGERS, S. J.; DAWSON, G.; VISMARA, L. A. **Autismo**: compreender e agir em família. Tradução de Ana Nereu Reis. Lisboa: Lidel, 2015.

RODRIGUES, Caroline Kurowski. **Percepção do autista e sua inclusão nas organizações: Nada sobre nós, sem nós**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, E. F. et al. O impacto financeiro nas famílias que tem diagnóstico de TEA (transtorno do espectro autista) e suas consequências financeiras e econômicas para a sociedade. **Tópicos Especiais em Ciências da Saúde: teoria, métodos e práticas**, v. 4, p. 190-201, 2022.

SOUZA, Liz Passos Nascimento. Diagnóstico diferencial entre transtorno do espectro autista (TEA) e distúrbio específico de linguagem (DEL). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 7, p. 1465-1482, 2021.

TORRES, B. A. C.; RAIDE, B. M. L.; TAFNER, V. S. **Seletividade alimentar em crianças com transtorno do espectro autismo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/30864/1/TCC%20FINAL%20T EA.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

TEIXEIRA, G. **Manual do autismo** [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

VIANA, Ana Clara Vieira et al. Autismo: uma revisão integrativa. **Saúde Dinâmica**, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2020.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Digitaliza Conteúdo, 2020.

DE FREITAS, Andréa Leão. **O trauma do nascimento prematuro: um estudo psicanalítico sobre os desafios na amamentação**. Editora Dialética, 2023.

SAKAI, Joana d'Arc. **Avaliação psicopedagógica institucional: técnicas, diagnóstico e planos de intervenção**. Editora Senac São Paulo, 2024.

DA SILVA, João Carlos Gomes. **Autismo & Igreja: por uma formação educacional inclusiva na comunidade eclesial com fundamentos da AEP**. Editora Dialética, 2024.